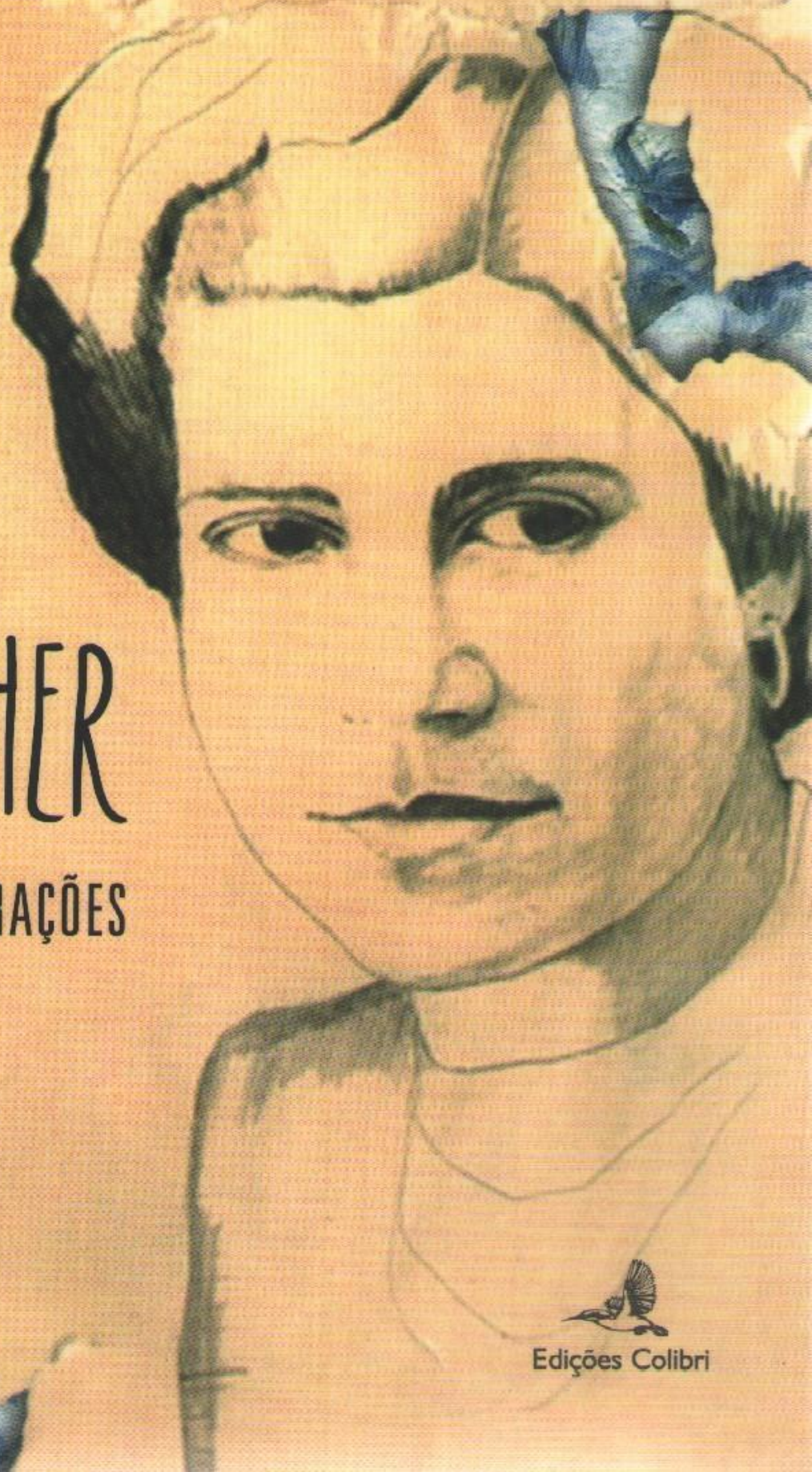


Rosa Maria
Neves Simas

(Coord.)

A VEZ
E A VOZ
DA MULHER

RELAÇÕES E MIGRAÇÕES



Edições Colibri

Rosa Maria Neves Simas
(Coord.)

Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

CONGRESSO INTERNACIONAL “A VEZ E A VOZ DA MULHER”,
6, Ponta Delgada, 2014

A vez e a voz da mulher : relações e migrações / VI Congresso Internacional
“A Vez e a Voz da Mulher” ; coord. Rosa Maria Neves Simas. – (Extra-colecção)
ISBN 978-989-689-449-8

I – SIMAS, Rosa, 1950-

CDU 305

Título: A Vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações

Coordenação: Rosa Maria Neves Simas

Editor: Fernando Mão de Ferro

Desenho da capa: Marlene Simas Angeja

Capa: Raquel Ferreira

Depósito legal n.º 384 055/14

Lisboa, Dezembro de 2014



COORDENAÇÃO

ROSA MARIA NEVES SIMAS

COMISSÃO CIENTÍFICA

ÁLVARO BORRALHO

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

IRENE VAQUINHAS

Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra

JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Instituto Universitário de Lisboa

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

University of British Columbia, Canadá

JOSÉ MACHADO PAIS

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

JOSÉ MANUEL VIEGAS

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Instituto Universitário de Lisboa

MARIA BEATRIZ ROCHA TRINDADE

Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais

Universidade Aberta

ROSA CABECINHAS

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho

COMISSÃO ORGANIZADORA

ROSA MARIA NEVES SIMAS

Departamento de Línguas e Literaturas Modernas

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

LICÍNIO VICENTE TOMÁS

Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

SUZANA NUNES CALDEIRA

Departamento de Ciências da Educação

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

ÍNDICE

INTRODUÇÃO – Rosa Maria Neves Simas.....	11
PARTE 1 – VOZES DE MULHERES: DA ORALIDADE À ESCRITA	
<i>Memória e subjetividade: As venturas e desventuras de uma emigrante portuguesa</i> Roseli Boschilia	19
<i>Múltiplos olhares de uma mulher negra em Portugal</i> Sângela Hilarino	33
<i>Quando a literatura retrata a diáspora portuguesa em França: O caso de Nita Climaco</i> Isabelle Simões Marques	47
<i>Ana Fontes: Uma vida suspensa de muitas pontes</i> Maria Aida Costa Baptista.....	59
<i>Quem tem medo de Alice Moderno?</i> Cassilda Teixeira Pascoal	71
<i>Frances Dabney e Samuel Longfellow: A natureza dos Açores numa perspectiva feminista e ecocrítica</i> Rosa Maria Neves Simas	83
PARTE 2 – COMUNICAÇÃO: DA CARTA À INTERNET	
<i>Elos de tinta e papel: A presença feminina na correspondência entre e/imigrantes portugueses</i> Maria Izilda Santos de Matos.....	99
<i>A presença da Mulher na Internet</i> Isaura Ribeiro	113

As mães no uso das novas tecnologias pelas crianças:

Protagonismo feminino num universo masculino?

Ana Matias Diogo..... 125

PARTE 3 – TRADIÇÕES, ARTES E SABERES

A questão de género nas romarias quaresmais de São Miguel

Carmen Ponte 141

*Coroa e bandeira: Mulheres e Homens nas Festas do Espírito Santo
no Canadá*

Ilda Januário 155

Artes e saberes artesanais das imigrantes luso-canadianas: Que futuro?

Manuela Marujo 169

PARTE 4 – RETRATOS DE MULHERES: DA MÚSICA À ESCRITA

Os Discursos (re)produzidos sob o género feminino na música

Iran Leitão Nunes & Walkíria França Martins 185

Representações da mulher na imprensa regional açoriana:

O caso do Açoriano Oriental e do Correio dos Açores

Ana Cristina Correia Gil & Dominique Faria..... 195

A representação das mulheres na deportação

Ana Teresa Alves 207

*Gatas Borracheiras emancipadas? Representações de mulheres
em duas revistas femininas portuguesas*

Leonor Sampaio da Silva..... 217

PARTE 5 – VIOLÊNCIA: DO ESPAÇO FAMILIAR À PRISÃO

*As mulheres enquanto vítimas de violência: O caso de São Miguel
no século XIX*

Susana Serpa Silva 231

*Espaços de amor e crime: Violência doméstica em Lídia Jorge
e Inês Pedrosa*

Deolinda M. Adão 245

Perspetivas sobre o futuro em mulheres com experiência de violência conjugal

Suzana Nunes Caldeira & Graciete Freitas 253

Reclusão feminina e processos de reconfiguração familiar

Rafaela Granja, Manuela Cunha & Helena Machado 269

PARTE 6 – MIGRAÇÃO, TRABALHO E QUALIFICAÇÃO

Género, identidade e maternidade em famílias na diáspora

Natália Ramos 285

Migrações qualificadas femininas: Desafios e oportunidades

Maria da Conceição Pereira Ramos..... 301

A Arte de ser Maria: Histórias de trabalho, Histórias de vida

Lená Medeiros de Menezes 317

As Mulheres que trabalham com fios: Um conhecimento forjado desde as margens

Amanda Castro & Edla Eggert 329

INTRODUÇÃO

Versos de Herberto Helder, no poema “Lugar”, parecem afigurar-se como uma versão lírica do título e temática deste livro – *A Vez e a Voz da Mulher* – quando o poeta português vaticina: ... *As mulheres pensam como uma bem pensada roseira que brota rosas.../ Pensam de espinho para espinho,/ Param de nó em nó./ As mulheres dão folhas, recebem/ Um orvalho inocente./ Depois sua boca abre-se...* Efetivamente, pensar, parar, dar, receber – são verbos basilares para, depois, se comunicar com fundamento, são ações essenciais na procura que cada pessoa faz para encontrar a sua voz própria, e são, seguramente, ações que precedem e alicerçam a feitura deste livro. Neste contexto, com a dinâmica do pensar, parar, dar e receber, o que se pretende é, como o próprio título indica, dar vez e voz à mulher, olhando de perto para as suas relações e o seu lugar na sociedade, dentro e entre Portugal e o mundo.

A Vez e a Voz da Mulher, desde a sua génese, tem sido um projeto que conjuga *Relações e Migrações*, aproximando de uma forma natural e vital Portugal da sua Diáspora. Neste contexto, os Açores assumiram um papel de destaque. Em 1999, surge o estudo pioneiro do Centro de Estudos Sociais, da Universidade dos Açores (CES-UA), *A Situação das Mulheres nos Açores*. E aqui começa a dinâmica bienal, pois em 2001, estando eu a coordenar a Cooperação da UA com os EUA, a Universidade dos Açores realizou o *Encontro Internacional A Mulher nos Açores e nas Comunidades*, a que se seguiu a publicação da antologia bilingue com o mesmo nome, dois anos depois. Nesse mesmo ano de 2003, *A Vez e a Voz da Mulher* teve o seu início na University of Toronto, por iniciativa de Manuela Marujo, a pessoa que continua a manter esta chama bem viva. Em 2005, *A Vez e a Voz da Mulher* atravessou o continente norte-americano e foi até à University of California, Berkeley, onde se realizou o II Congresso Internacional, organizado por Deolinda Adão. Em 2007, o evento cruzou o Oceano Pacífico e aconteceu na Universidade de Macau, pela mão de Leonor Seabra. Em 2009, viajou para sul, até à Universidade Federal do Paraná, com a organização do IV Congresso Internacional por Roseli Boschillia e Maria Luiza Andreazza. Há dois anos, em 2011, *A Vez e a Voz da Mulher* transpôs o Atlântico e decorreu na Université Paris/Oeste Nanterre, sob a direção de José Manuel Esteves. Com dez anos de vida, em 2013, *A Vez e a Voz da Mulher* voltou ao meio do Atlântico, com o VI Congresso Internacional, organizado no âmbito do CES, na Universidade dos Açores. Assim se tem dado continuidade ao que é um projeto de abrangência intercontinental e de matriz universitária, ilustração eloquente da vocação universal que a temática merece e que o próprio

nome de “universidade” simultaneamente alberga e almeja. Cada um destes Congressos Internacionais deu origem à publicação de um livro.

A génese deste livro, como se depreende, foi o *VI Congresso Internacional A Vez e a Voz da Mulher em Portugal e na Diáspora*, que contou com participantes vindos de quatro continentes – Universidade de Macau; Universidade do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Paraná, Universidade de Curitiba e Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Brasil; University of California, Berkeley e California State University, San José, nos EUA; University of Toronto e York University, no Canada; University of Sussex, na Inglaterra; Université Paris Oeste Nanterre, de França; Universidade de la Laguna, Canárias, e, em Portugal, Universidade do Minho, Universidade do Porto, Instituto Superior da Maia, Universidade de Coimbra, Universidade Aberta, ISCTE, Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Este livro reúne uma seleção desses trabalhos.

Para a realização da presente publicação, foi importante o contributo de várias pessoas. Começo por agradecer à Diretora do CES-UA, Gilberta Pavão Rocha, que enquadrou esta edição nas atividades do Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores. Pensando na organização deste livro, dirijo uma palavra de especial apreço a dois colegas – Licínio Vicente Tomás, sociólogo e coordenador da linha de investigação Gerações e Ciclos de Vida do CES-UA, e Suzana Nunes Caldeira, psicóloga e investigadora do CES-UA na área da violência e resolução de conflitos. Desde a primeira hora, estes colegas notáveis aceitaram o desafio, pondo todo o seu empenho e expertise na realização desta edição. Sem a colaboração destes dois colegas, não teria sido possível organizar uma iniciativa desta abrangência. Um sentido agradecimento é dirigido a cada membro da Comissão Científica – Álvaro Borralho, Irene Vaquinhas, João Ferreira de Almeida, José Carlos Teixeira, José Machado Pais, José Manuel Viegas, Maria Beatriz Rocha Trindade e Rosa Cabecinhas – ilustres figuras que fizeram lugar nas suas apertadas agendas para ler e avaliar os textos aqui coligidos, contribuindo assim para maior credibilidade académica e científica da obra. Todavia, foi igualmente essencial, para viabilizar a edição, o papel dos patrocinadores. Neste âmbito, realço a generosidade da University of Toronto, na pessoa de Manuela Marujo, sempre pronta para apoiar e promover *A Vez e a Voz*. Foi também importante o patrocínio da Direção Regional das Comunidades, a quem agradeço, na pessoa do seu diretor, Paulo Teves. Por fim, e no que toca à própria feitura do livro, expresso o nosso maior apreço à Edições Colibri, na pessoa do seu dirigente, Fernando Mão de Ferro, por todo o seu cuidado e profissionalismo, qualidades que ficam bem patentes nesta edição. Tem sido muito gratificante trabalhar com esta conceituada casa editorial.

Em termos de estrutura, o livro está organizado em seis partes temáticas. A PARTE 1 – VOZES DE MULHERES: DA ORALIDADE À ESCRITA reúne seis capítulos. Focando a voz oral feminina, colhida através de entrevistas, o primeiro capítulo, de Roselli Boschili, conjuga “Memória e subjetividade: As venturas e desventuras de uma emigrante portuguesa”, enquanto o segundo capítulo, de Sângela Hilarino, apresenta e analisa os “Múltiplos olhares de uma mulher

negra em Portugal”. Passando para a voz escrita, o terceiro capítulo, “Quando a literatura retrata a diáspora portuguesa em França”, de Isabelle Simões Marques, dá-nos a conhecer a obra de Nita Climaco. No quarto capítulo, “Ana Fontes: Uma vida suspensa de muitas pontes”, Maria Aida Costa Batista leva-nos até aos Açores, através da vida e das quadras desta açoriana octogenária ainda viva. Cassilda Teixeira Pascoal, por sua vez, pergunta “Quem tem medo de Alice Moderno?” no quinto capítulo, esmiuçando a vida contestatária e a obra singular desta ativista e escritora oitocentista que abanou os ditames da sociedade micaelense de então, em termos da situação da mulher e da proteção dos animais. Também focando questões de género na abordagem da esfera não-humana, encerro esta primeira parte com o capítulo “Frances Dabney e Samuel Longfellow: A natureza dos Açores numa perspetiva feminista e ecocrítica”, comparando a forma como dois americanos, que viveram durante a sua juventude no Faial, retratam o meio ambiente das ilhas.

Na PARTE 2 – COMUNICAÇÃO: DA CARTA À INTERNET, Maria Izilda Santos de Matos, no primeiro capítulo, recupera as relações subjacentes a “Elos de tinta e papel: A presença feminina na correspondência entre e/imigrantes portugueses” no Brasil, entre 1890 e 1950. Passando do papel para a era digital da atualidade e das novas tecnologias, no segundo capítulo, Isaura Ribeiro retrata e analisa “A presença da Mulher na Internet”, o mundo cibernético comumente visto como sendo um domínio masculino. Terminando com uma pergunta retórica que reflete esta conceção do domínio do homem nas novas tecnologias, Ana Matias Diogo estuda o papel da figura materna no último capítulo desta parte, “As mães no uso das novas tecnologias pelas crianças: Protagonismo feminino num universo masculino?”

A PARTE 3 é dedicada a temáticas relacionadas com TRADIÇÕES, ARTES E SABERES. No primeiro capítulo, Cármen Ponte desenvolve um olhar diacrónico e sincrónico sobre “A questão de género nas romarias quaresmais de São Miguel”, tradição única da cultura açoriana. Também voltada para uma prática religiosa característica do arquipélago e da sua diáspora, neste caso, o culto dedicado à terceira pessoa da santíssima trindade, Ilda Januário compara o papel dos dois sexos nesta tradição, no segundo capítulo, “Coroa e bandeira: Mulheres e homens nas Festas do Espírito Santo no Canadá”. Manuela Marujo, por sua vez, traça as características e motivações de mulheres migrantes criativas, no capítulo que remata esta terceira parte, “Artes e saberes transmitidos pelas imigrantes luso-canadianas”.

Marcando a metade do livro, a PARTE 4 – RETRATOS DE MULHERES: DA MÚSICA À ESCRITA começa com “Discursos (re)produzidos sob o género feminino na música”, capítulo em que Iran Leitão Nunes e Walkíria França Martins analisam a imagem da mulher traçada pelas letras da música popular brasileira, origem de canções como “Ai se eu te pego” e outras pérolas musicais. Passando para a palavra escrita, no segundo capítulo, Ana Cristina Correia Gil e Dominique Faria inventariam e comentam as “Representações da mulher na imprensa regional açoriana: O caso do *Açoriano Oriental* e do *Correio dos Açores*”. Também focada no estudo de jornais regionais, neste caso o *Açoriano Oriental*,

o mais antigo jornal do país, no terceiro capítulo, Ana Teresa Alves faz uma abordagem linguística de “A representação das mulheres na deportação”, fenómeno polémico despoletado pelos governos dos Estados Unidos e Canadá. Estes países deportam emigrantes lusos não naturalizados, com delito ou crime cometido, mesmo que estes, por terem saído de Portugal na infância, não tenham laços familiares no seu país de origem nem conheçam a língua portuguesa. Voltada para as revistas chamadas “cor de rosa”, Leonor Sampaio da Silva completa esta quarta parte com o capítulo “Gatas Borracheiras emancipadas? Representações de mulheres nas revistas femininas portuguesas”.

Na PARTE 5, o livro entra na difícil questão da VIOLÊNCIA: DO ESPAÇO FAMILIAR À PRISÃO. Seguindo uma abordagem histórica, essencial para se perceber melhor as raízes do fenómeno atual, Susana Serpa Silva, no primeiro capítulo, faz o retrato de “As mulheres enquanto vítimas de violência: O caso de São Miguel no século XIX”. No segundo capítulo, “Espaços de amor e crime: Violência doméstica em Lídia Jorge e Inês Pedrosa”, Deolinda M. Adão compara dois contos emblemáticos de dois grandes nomes femininos da literatura portuguesa contemporânea. Lançando um olhar simultaneamente positivo e construtivo, no terceiro capítulo, Suzana Nunes Caldeira e Graciete Freitas abordam “Perspetivas sobre o futuro em mulheres com experiência de violência conjugal”, dando voz a expectativas e dúvidas de mulheres vitimizadas em busca de outros rumos de vida. O capítulo que encerra esta quinta parte, “Reclusão feminina e processos de reconfiguração familiar”, resulta do trabalho conjunto de Rafaela Granja, Manuela Cunha e Helena Machado. Estas autoras também dão voz a mulheres, neste caso a cumprir pena de prisão, num esforço para haver uma melhor compreensão do impacto que tal realidade tem nas suas vidas pessoais e relações familiares.

A PARTE 6 encerra o livro com a importante relação entre MIGRAÇÃO, TRABALHO E QUALIFICAÇÃO, reunindo primeiro dois capítulos dedicados à caracterização e análise da situação da mulher migrante. Natália Ramos aborda as questões relacionadas com “Género, identidade e maternidade em famílias na diáspora”, enquanto Maria da Conceição Pereira Ramos examina a nova realidade da emigração de pessoas escolarizadas em “Migrações qualificadas femininas: Desafios e oportunidades de carreira e desenvolvimento”. Numa perspetiva histórica, o terceiro capítulo, “A Arte de ser Maria: Histórias de trabalho, Histórias de vida”, de Lená Medeiros de Menezes, segue os percursos pessoais e profissionais de mulheres migrantes tornadas empresárias no pequeno comércio de Rio de Janeiro, entre o século XIX e XX. Conjugando formação com tradição, Amanda Castro e Edla Eggert, no último capítulo do livro, “As Mulheres que trabalham com fios: Um conhecimento forjado desde as margens”, procuram resgatar e valorizar o trabalho de décadas de mulheres no estado brasileiro de Minas Gerais, que continuam a realizar criações notáveis de tecelagem, transmitindo a sua arte a gerações futuras, de mulheres e, mais recentemente, de homens.

Num artigo de 2006, da conceituada *Publications of the Modern Language Association*, Susan Gubar, nome incontornável da crítica feminista, explica:

Feminist critics today realize that we have never been cocooned within institutions of learning, that our job is not yet done, and that we must continue to use our interpretive skills to turn inside out the disorienting signs of our time. Constatação da evolução do feminismo, estas palavras de Susan Gubar são a clara expressão do que este livro representa – um contributo para um continuado esforço coletivo e intercontinental, um passo numa longa caminhada pautada por Relações e Migrações. Ciente de que, nas palavras de Gubar, *temos de continuar a utilizar as nossas capacidades interpretativas para virar do avesso os sinais desorientadores do nosso tempo*, cada pessoa aqui incluída pensou, parou, e depois colaborou, elaborando o seu texto, para que surgissem os 24 capítulos deste livro, resultado de uma dinâmica generosa de dar e receber. Agradecemos a força e o esforço de cada uma destas pessoas, cientes de que, como nos lembra Susan Gubar – *Our job is not yet done*.

Rosa Maria Neves Simas

7 Outubro 2014

FRANCES DABNEY E SAMUEL LONGFELLOW: A NATUREZA DOS AÇORES NUMA PERSPETIVA FEMINISTA E ECOCRÍTICA

Rosa Maria Neves Simas

Centro de Estudos Sociais (CES)
Universidade dos Açores, Portugal
rsimas@uac.pt

Feminist critics today realize that we have never been cocooned within institutions of learning, that our job is not yet done, and that we must continue to use our interpretive skills to turn inside out the disorienting signs of our time. (Gubar, 2006)

O Feminismo e a Ecocrítica

As palavras de Susan Gubar, nome incontornável da crítica feminista, são a clara expressão do espírito em que se tem movido o feminismo, corrente essencialmente ativista no seu início, no século XIX, que evoluiu no século XX para abranger várias correntes teórico-críticas – e que continua a evoluir no século XXI. Susan Gubar o diz: “*our job is not yet done* e temos que continuar a utilizar as nossas capacidades interpretativas para virar do avesso os sinais desorientadores do nosso tempo”. Foi esta evolução ao longo do tempo que levou o feminismo a debruçar-se, nas últimas duas décadas, sobre um dos sinais mais desorientadores do nosso tempo – a degradação ambiental e a preocupação ecológica que a acompanha. Conjugando a crítica feminista e a ecocrítica, o presente texto analisa as representações da natureza – neste caso, dos Açores – traçadas por Frances Dabney e Samuel Longfellow, dois norte-americanos oitocentistas com ligações a este arquipélago.

Ao traçar uma brevíssima resenha da evolução do feminismo, surgem três momentos chave. A Primeira Vaga remonta ao século XIX com movimentos ativistas que combateram em várias frentes para reduzir as desigualdades e os flagelos da sociedade de então, lutando por causas tais como o direito do voto para a mulher, a abolição da escravatura, os direitos laborais, a igualdade no

acesso à educação, e a defesa das crianças. Surgindo nos anos 60 do século passado, a Segunda Vaga floresce no meio académico, primeiro, através da crítica feminista aos padrões patriarcais da sociedade, acompanhada pela tentativa de recuperar a mulher como agente na literatura, história e cultura, e segundo, através do estudo da diversidade entre mulheres, especialmente no que diz respeito à classe social, raça, etnicidade e sexualidade.

Diversificando-se ainda mais, nos nossos dias, a Terceira Vaga já foi apelidada de “feminism without borders” (feminismo sem fronteiras) (Mohanty, 2003), e inclui a conjugação do feminismo e da ecocrítica. Ao perfilar a contemporaneidade, Astrid Henry afirma que a Terceira Vaga do Feminismo “...is shaped by, and responds to, a world of global capitalism and information technology, postmodernism and postcolonialism, and environmental degradation” (é moldada por, e responde a, um mundo de capitalismo global e tecnologia informática, pós-modernismo e pós-colonialismo e degradação ambiental) (2006: 1719). Susan Gubar fala de “the integration of feminist methodologies into nearly all theoretical approaches” (a integração de metodologias feministas em quase todas as abordagens teóricas) e de “the hybridization of feminist criticism” (a hibridização da crítica feminista), que se tem tornado “more interdisciplinary” (mais interdisciplinar), sendo que “feminist critics should interact with other activists” (críticos feministas devem interagir com outros ativistas) (2006: 1712-1713). Marianne Dekoven aponta para “an ethical turn” (uma viragem ética) que tem em conta “the primacy of ecological and interspecies considerations” (a primazia de considerações ecológicas e entre-espécies) (2006: 1695). Jane Elliott refere “the turn to science” (a viragem para a ciência) (2006: 1699), enquanto Elizabeth Grosz destaca a necessidade de se repensar o que tem sido uma rejeição visceral do mundo natural, visto como sendo inerte e estático, em favor do domínio da cultura, aparentemente volátil e mutável (2005). Efetivamente, a conjugação da ecocrítica e do feminismo representa uma das facetas da interdisciplinaridade na academia atual, ao mesmo tempo que promove a junção do mundo natural com a cultura humana na investigação. Baseando-se nesta conjugação natureza-cultura para delinear as bases da ecocrítica, Cheryl Glotfelty (1996), pioneira desta corrente analítica, faz o seguinte resumo:

...all ecological criticism shares the fundamental premise that human culture is connected to the physical world, affecting it and affected by it. Ecocriticism takes as its subject the interconnections between nature and culture, specifically the cultural artifacts of language and literature. As a critical stance, it has one foot in literature and the other on the land; as a theoretical discourse, it negotiates between the human and the nonhuman. (Glotfelty, xix)

(... toda a crítica ecológica partilha a premissa fundamental de que a cultura humana está ligada ao mundo físico, numa relação recíproca de influências. A ecocrítica tem como sujeito as interligações existentes entre a natureza e a cultura, nomeadamente os artefactos culturais da língua e literatura. Como postura crítica, tem um pé na literatura e outro na terra; como discurso teórico, negocia entre o humano e o não-humano.)

Norte-Americanos nos Açores no século XIX

Durante o século XIX, a posição geográfica dos Açores, entre o continente europeu e o norte-americano, levou numerosos viajantes norte-americanos, em travessias transatlânticas, até ao arquipélago. Alguns apenas passaram pelas ilhas, em direção a outros destinos europeus. Outros chegaram por razões profissionais, comerciais ou de lazer; por vezes aproveitaram a estadia para curar males de saúde através dos benefícios da natureza física dos Açores. Seja como for, foi a natureza física dos Açores que mais os impressionou.

Nesta encruzilhada transatlântica oitocentista, destaca-se a família Dabney. Entre 1806 e 1890, sucessivas gerações deste clã asseguraram o primeiro consulado americano nos Açores, situado na Horta, na ilha do Faial. Tal foi a sua atividade diplomática, mas também comercial e social, que o historiador Ricardo Madruga da Costa aponta a centúria como sendo “o século Dabney” (Costa, 1992: 5). O presente trabalho debruça-se sobre duas pessoas ligadas a este legado Dabney, fazendo uma análise comparativa das representações do ambiente natural dos Açores na escrita de uma jovem norte-americana e nas cartas e desenhos de um jovem norte-americano da época. E aqui sublinha-se a palavra jovem, pois eram pessoas em formação e, como tal, especialmente impressionáveis e sensíveis ao que vivenciaram nos Açores.

Imagem 1: Foto de Samuel Longfellow



(Fonte: May, 1891)

Por ordem de nascimento, Samuel Longfellow (Imagem 1), irmão mais novo do conceituado poeta americano Henry Wadsworth Longfellow, foi um dos visitantes em busca de melhor saúde. Na altura com apenas 24 anos de idade, Samuel viveu, entre a primavera de 1843 e o outono de 1844, na residência do então cônsul norte-americano, Charles William Dabney, e foi tutor dos seus filhos. Enquanto permaneceu em terras açorianas, escreveu cartas referindo a sua experiência, com destaque para a natureza das ilhas, e fez desenhos retratando paisagens variadas do Faial e Pico (Simas, 2013).

Filha de John Pomery Dabney, que foi aluno de Samuel Longfellow, Frances Dabney (Imagem 2) nasce na Horta em 1856. Aos 18 anos de idade, na sequência da morte do pai numa viagem entre Boston e os Açores, Frances Dabney acaba por fixar residência na costa leste dos Estados Unidos em 1874. Em 1903, publica uma coleção de dezoito pequenos contos inspirados na sua terra natal, os Açores, a que deu o sugestivo nome de *Saudades*. Morre em Massachusetts em 1918, aos 62 anos de idade.

Imagem 2: Foto de Frances Dabney.



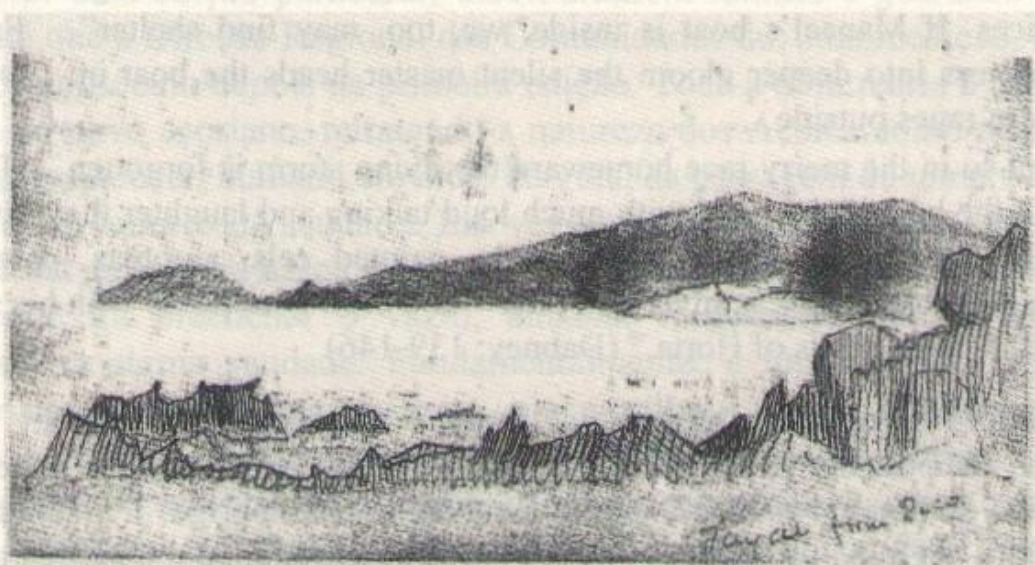
(Fonte: Dabney, 2005)

Representações da Natureza

Ao considerar o ambiente natural de ilhas, o olhar de uma pessoa recai naturalmente sobre o mar. De facto, o mar é que define uma ilha e tal é a preponderância do oceano no meio ambiente físico do planeta, que o microbiologista Ed DeLong, por exemplo, foi levado a observar que o nome do

planeta deveria ser “Oceano” e não “Terra” (citado em Helmreich, 2009). No entanto, Samuel Longfellow vira as costas ao mar – neste caso, o Oceano Atlântico. Quando descreve a viagem transatlântica numa carta dirigida ao amigo Edward Hale, explica que, com tanto enjoo, “I did not have more than two hours of positive pleasure in the whole nineteen days” (Não tive mais do que duas horas de prazer positivo durante toda a viagem de dezanove dias) e faz o seguinte resumo da sua experiência náutica: “I was not moved by any sublimity in the ocean, and in this I was much disappointed. In fact, I think it needs to be seen from the shore, with a fine rocky foreground, or a strip of silver sand.” (Nem me comovi, nem encontrei sublimidade alguma no oceano, o que me desapontou muito. De fato, acho que o mar deve ser visto da costa, com uma bela paisagem de pedra em primeiro plano, ou uma faixa de areia prateada) (May, 1891: 33). Fiel ao seu desprezo pelo mar, os desenhos de Longfellow nunca focam o meio marinho que, ao aparecer, se reduz a espaços e bocados em branco, vistos da terra, como acontece no desenho “Fayal from Pico” (Imagem 4).

Imagem 4: Desenho de Samuel Longfellow do Faial visto do Pico.



(Fonte: Costa, 2010)

Na escrita de Frances Dabney, o oceano é retratado tanto de uma forma mítica como realista. A primeira “saudade”, intitulada “Saudades: The Azores”, recria um mito da origem dos Açores em que o oceano é a personagem que recebe e abraça a flor que é cada uma das nove ilhas do arquipélago.

Long, long ago, when the first garden was deserted, an Angel saw the flowers weeping there, and her heart was filled with pity and love. Spreading her wings like summer clouds, she left her starry home to gather the lovely things in her arms, and bear them back to Heaven whence they had come. Over the gleaming water she flew, and the sea reflected the bright vision as it passed, for one brief moment, and then it palpitated with a strange joy for on its breast lay nine rare and wondrous blossoms that had fallen from her close embrace. And the sea

clasped them and held them in its faithful arms for evermore, and brought all things beautiful to lay beside them.” (Dabney, 2005: 9)

(Há anos sem fim, quando o jardim primordial ficou deserto, um anjo viu flores a chorar e o coração encheu-se de pena e amor. Estendendo as asas, como nuvens no verão, saiu da sua casa de estrelas e recolheu essas lindas flores nos braços, para as levar de volta ao céu, de onde tinham vindo. Quando voava sobre o mar, as águas cintilantes refletiram a sua imagem, palpitando depois com uma estranha alegria, pois no seu seio jaziam nove flores raras e maravilhosas que tinham caído do regaço angélico. E o mar para sempre as aconchegou no seu fiel abraço, rodeando-as de tudo o que é belo.)

Em “Night-Fishing” (Pesca noturna), a décima-oitava e última “saudade” da coleção, por sua vez, o mar representa o perigo real e o drama humano de um povo que busca o seu sustento nas águas abundantes mas traiçoeiras do oceano:

Outside lies the boundless ocean, which clasps the Island in its limitless circle... A storm is brewing... “The cave yawns as if to engulf us. I hear voices. If Manael’s boat is inside, we, too, may find shelter”... From the darkness into deeper gloom the silent master heads the boat in... while the storm rages outside...

And so in the merry race homeward the dying storm is forgotten... The men pull the boat high... and with much loud talking and laughter they divide the fish – the long, striped moreas, the painted eels, abroteas, pargos and congers, brown, grey, silver and pink – and each goes home with his share to sell in the markets of Horta.” (Dabney: 139-146)

(Lá fora jaz o oceano infinito, segurando o círculo infindo da Ilha... Vem aí uma tempestade... “Parece que a furna nos vai engolir. Ouço vozes. Se o barco do Manuel estiver lá dentro, também teremos abrigo.” ... Da escuridão para o negrume profundo, o mestre taciturno encaminha o barco para dentro da furna... lá fora a fúria da tempestade desenrola...

E então, na alegre corrida para casa, esquecem a tempestade que amaina... Os homens puxam pelo barco... e com alegre algazarra dividem o peixe – moreias compridas e pintadas, abróteas, pargos e congros, castanhos, cinzentos, prateados e rosas – e cada um segue para casa com o seu quinhão para vender nos mercados da Horta.)

Globalmente falando, e numa ótica ecocrítica, as representações do meio ambiente açórico criadas por Samuel Longfellow e por Frances Dabney assentam no antropocentrismo, o paradigma convencional que coloca o ser humano no centro de toda a criação. Todavia, as diferenças são assinaláveis e apontam para a construção identitária diferenciada de género. Tanto ele como ela fazem parte de famílias que estão entre as elites letradas e abastadas da Nova Inglaterra de então, mas os seus olhares sobre a natureza refletem os diferentes papéis e estatutos atribuídos a cada um dos sexos na sociedade da altura.

Como homem, Samuel estudou no Harvard College e depois no Divinity School desta conceituada universidade, aprendendo teologia, filosofia, etc. Ordenado pastor da Igreja Unitariana, viria a publicar poesia e hinos litúrgicos que tiveram um impacto assinalável no seu meio. Apesar de ter apenas 24 anos de idade, quando chegou à Horta em 1843, já conhecia a corrente filosófica do Transcendentalismo americano, que tinha nascido escassos anos antes – em 1836 – com a publicação da obra seminal de Ralph Waldo Emerson, intitulada *Nature*. Simultaneamente pragmático e idealista, o Transcendentalismo assenta em dois princípios basilares: Deus está imanente e iminente em cada pessoa e na natureza e, segundo, a intuição humana é a origem suprema do conhecimento intelectual e espiritual (Stanford). A conjugação destes princípios leva o transcendentalista a ver a natureza numa ótica antropocêntrica, como sendo a matriz do autoconhecimento, o locus da demanda do eu individual e do seu Deus. É esta visão centrada no eu – egocêntrica, se quisermos – que Samuel nos comunica nas suas representações, escritas e desenhadas, da natureza dos Açores.

Como mulher oitocentista, Frances Dabney era instruída, mas não fez curso superior nem seguiu carreira. A publicação de *Saudades*, 15 anos antes de morrer, foi uma edição particular, distribuída em família e guardada por uma prima, até que a Direção Regional das Comunidades faz uma reedição, bilingue, em 2005, um século depois da primeira edição. Toda a obra recria a experiência humana do povo açoriano, retratando a natureza dos Açores como protagonista do drama existencial humano, do ciclo da vida, da passagem do tempo, da vida e da morte, do amor e da saudade. Em vez de se pautar pela demanda do eu, a escrita desta americana nascida nos Açores é modulada pela procura do outro, a pessoa que irá preencher o vazio, amainar o desentendimento, atenuar a ausência e a eterna saudade. Fundamentalmente, é uma escrita centrada no outro, visto como sujeito e parceiro que partilha o drama existencial do ser humano, ou como o ideal romântico e pessoal que cada pessoa almeja.

Passando agora para terra, exemplifica-se a representação, feita por Frances Dabney, da natureza como protagonista na relação-conciliação entre seres humanos, com a penúltima “saudade”, “The Old Cave on Monte Carneiro” (A velha furna no Monte Carneiro). Neste texto, a furna é uma espécie de útero telúrico que, com a intervenção da majestosa montanha do Pico, faz renascer a amizade entre duas velhotas que, amigas em criança, tinham vivido a maior parte das suas vidas zangadas e de costas viradas, por causa de um homem.

One quiet summer afternoon an old woman toiled up the narrow lane between the grey lava walls, fringed with ferns and fennel; her head bent, till only the white kerchief covering her white hair could be seen... When the old woman reached the cave she paused for breath... As she entered one side of the arched opening, she saw a figure climbing the little path leading to the other side, a bent toiling figure in black... The second old woman came in and sank upon the other end of the stone, with a deep sigh, and both looked up and gazed at each other. Oh, the long years that had passed since they had sat together on that same stone where they had so often played together as

children! Oh, the bitter words that had passed between them – and the silence of all those years! The ebb and flow of life that had filled them, and the underlying pain of an unforgotten and unforgiven quarrel! The man that had caused that quarrel was dead... and they were white-haired and old.

The blackbirds and canaries sang in the fields, the cane hedges rustled in the breeze... with the low, deep roar of the sea which made every sound fuller and richer. And their eyes travelled over the water to where Pico rose, disentangling himself from the gold-fringed clouds that hid him; and suddenly he seemed to... lift his purple shoulders and his splendid peak above them, and to gaze down solemnly upon the two little old women sitting in the cave. And they felt like atoms! What were they? What were their quarrels? How petty, how small, it all seemed now! (Dabney: 133-136)

(Numa tarde calma de verão, uma mulher velha estrebucha para subir o carreiro entre muros de lava cinzenta, ladeados de fetos e funcho; a cabeça inclina-se, vendo-se apenas o lenço branco cobrindo os cabelos brancos... Ao chegar à furna, pausa para respirar... Entrando por um lado da abertura, vê um vulto a subir pelo outro lado, uma figura de preto, dobrada... A segunda velha entrou e acomodou-se do outro lado da pedra, suspirando fundo, e olharam uma para a outra. Ai, quantos anos tinham passado desde que se sentavam à volta da pedra, crianças brincando juntas! Ai, as palavras amargas que tinham trocado – e o silêncio de tantos anos! O vai e vem da vida que as tinha preenchido, e a dor profunda duma briga sem tréguas! O homem da discórdia já tinha morrido... e elas estavam grisalhas e velhas.

Os melros e canários chilreavam nos campos, a brisa agitava os abrigos de cana... com o toar grave e profundo do mar que tornava os sons mais repletos e fartos. E seus olhos navegaram pelas águas até onde o Pico se erguia, livrando-se das nuvens de franja dourada que o encobriam. De repente, parecia erguer os ombros de púrpura e o pico esplendoroso por cima das nuvens, olhando solenemente na direção das duas mulheres velhas sentadas na furna. E elas sentiram-se como átomos. Quem eram? Quais as suas querelas? Quão mesquinho, quão insignificante tudo agora parecia!)

Como acontece no conto de Frances, acima citado, a personificação da natureza também caracteriza a escrita de Samuel, mas seguindo sempre a visão própria de cada um. Ele está centrado no eu, como acontece na seguinte carta:

Then it was that, in my solitary walks, nature whispered, "Peace! Vex not thyself because thou art not as others! Be content to be that which thou art; manifest thyself according to the laws of thy individual being. The flower at thy feet hopes not to be a star, nor strives to be aught but a flower. Be calm, and fear not but thou wilt find thy place. Believe that thou wast not for nothing sent into the world. Obey they nature, and fear not but that thou wilt do the good thou was sent to do.' Such lessons did the trees and rocks and waters, the green hills and that calm, majestic mountain breathe into my heart." (21 November 1843, May: 36-37)

(Foi então que, durante os meus passeios solitários, a natureza sussurrou: “Paz! Não vos preocupais se não sois como os outros! Conformai-vos em ser aquilo que vós sois; manifestai-vos de acordo com as vossas próprias leis individuais. A flor aos vossos pés não almeja ser estrela, nem ser nada que não seja uma flor. Tende calma, e não temeis não encontrar o vosso próprio lugar. Tende confiança que não fostes enviado a este mundo por nada. Sede obediente à vossa natureza, e não temeis porque irás fazer o bem que fostes enviado para fazer”. Tais lições as árvores e pedras e águas, os montes verdes e a montanha calma e majestosa inspiraram no meu coração.)

Ela está centrada no outro, como acontece em “The Flax-Field” (O cerrado de linho).

Spring has come, and the flax has opened its eyes of softest blue. In the flax-field, the peasant women in gay kerchiefs bend this way and that, as they sit and weed out all but the blue-eyed flax. As they work they chatter. What do they say? They talk of birth, of death, of sorrow, and joy, and love. It was so last spring and it will be so again when the flax-fields are blue...next spring. (Dabney: 75-76)

(Chegou a primavera e o cerrado de linho abre seus olhos de azul macio. As mulheres, de lenços garridos, inclinam-se de lado para lado a mondar o linho de olho azul. Trabalham e tagarelam. Que dizem? Falam da vida e da morte, da dor e da alegria, e do amor. Foi assim na última primavera e assim será quando os cerrados de linho se tornarem azuis... na próxima primavera.)

Neste âmbito, Frances utiliza, por vezes, uma estrutura sintática que foge aos padrões usuais do inglês e que parece querer dar primazia à natureza, ao elencar os elementos naturais, antes de introduzir o ser humano, como acontece nesta frase de “Hortensias: Chão Frio Valley”: “Down the cool, fragrant lane between the deep walls of blue Hortensias which drooped in the mid-day sun, crushing the wild thyme, the poejo, and the rosemary with her bare feet, came the young girl leading home her cows...” (Dabney, 63). (Pelo carreiro fresco e fragrante, entre os muros profundos de hortências azuis caídas com o sol do meio-dia, acalcando o tomilho selvagem, o poejo e o alecrim com seus pés descalços, vem a jovem rapariga, encaminhando as suas vacas para casa...) Visualmente falando, ao longo do livro, e especialmente ao recriar as paisagens naturais, Frances também parece querer “pintar” com as suas próprias palavras, tal a exuberância dos múltiplos tons cromáticos que evoca, como acontece no início do conto “The Flax-Field”.

Blue like the eye of Heaven the flax-field, within its cane hedges, lies like a lake reflecting the sky in the wide expanse of greens of every tint – blue-green lupin with silver gleams as a passing breeze turns up its downy little hand-shaped leaves; golden-green fields, where the young wheat stands but three inches above the brown earth; dark green fields crested with gold,

where the broom waves proudly. And the billowy mountain slopes are green and the velvety hollows full of shadows are green, and the sea, below the black and red cliffs, in green and blue and purple, in the shadow of the swift-passing white clouds. (Dabney: 75)

(Azul como os olhos do Céu, o cerrado de linho, cercado por abrigos de cana, jaz como uma lagoa, refletindo o firmamento, entre um mar de verdes de todos os tons – o azul-verde do tremoço, que a brisa faz brilhar como prata; os campos de verde-dourado, com rebentos de trigo a sair do castanha-torrado da terra; os campos de verde-escuro, crestados de oiro pelo milho de vassoura a ondular. As encostas das montanhas são verdes, tal como os vales. O mar, sob os precipícios negros e vermelhos, veste-se de sombras de verde e azul e roxo, criadas pela passagem célere de nuvens brancas.)

Samuel Longfellow, por sua vez, também deu primazia ao visual, enchendo o seu *sketchbook* dos Açores de desenhos das paisagens “strange and picturesque” (estranhas e pitorescas) que via à sua volta: o Vale dos Flamengos (Imagem 5) e o jardim e a casa Dabney (Imagem 6). Utilizando com frequência a palavra “picturesque” nas suas cartas, este jovem norte-americano seguia a tradição do *Picturesque Movement*, uma corrente estético-artística que teve origem na Inglaterra no século XVIII e que rapidamente chegou aos Estados Unidos, difundindo-se entre as classes abastadas da altura que, podendo viajar dentro e além-fronteiras, enchiam cadernos com representações das paisagens mais impressionantes que viam. Segundo a corrente pictórica/pitoresca, a natureza, tal como a sua respetiva representação artística, devem ser organizadas em vários planos visuais, como se fossem um retrato, ou sejam “picture”, a palavra que deu o nome ao movimento (UK Forestry Commission).

Imagem 5: Desenho de Samuel Longfellow do Vale dos Flamengos.



(Fonte: Costa, 2010)

Imagem 6: Desenho de Samuel Longfellow do Jardim e Casa Dabney.



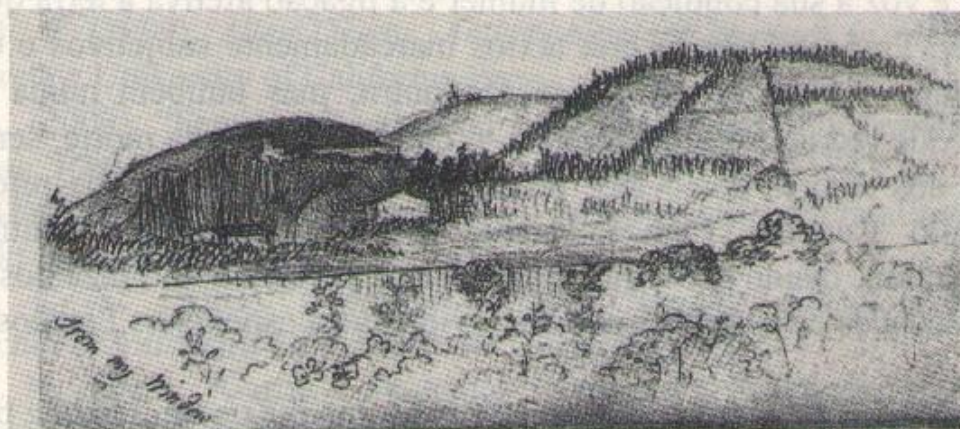
(Fonte: Costa, 2010)

Na perspectiva da ecocrítica, o movimento *picturesque* representa princípios enraizados, não na natureza, mas na pintura, levando a que a paisagem natural acabe por ser manipulada, desfigurada e controlada pelo ser humano, como artista/fotógrafo/observador. Segundo Alison Byerly, por exemplo, em vez da valorização da natureza em si, no seu estado puro e intocado, o que conta no ideal *picturesque* é a representação, a imagem construída e manuseada de acordo com os diversos planos estéticos, previamente definidos e delineados. Na sua essência, o movimento *picturesque* resultou num conceito da natureza como sendo arte, transformando assim a paisagem natural, viva e dinâmica, num objeto estético, mas estático.

Olhando para Oeste

No seu quarto, virado para oeste, o jovem Longfellow fez um desenho da paisagem que avistava (Imagem 7), “From My Window” (Da minha janela),

Imagem 7: Desenho de Samuel Longfellow “From My Window”.



(Fonte: Costa, 2010)

mirando para oeste, na direção do país onde tinha nascido e para onde iria voltar, para aí viver o resto da sua longa vida. Numa carta dirigida à mãe, Samuel já tinha expressado as saudades da família e amigos que sentia, dizendo que, todas as noites ao deitar, olhava para além dos montes a oeste, pensando neles (May, 43). Apesar de ter nascido na Horta, na saudade intitulada “Capello”, a jovem Dabney, também, vira o seu olhar para oeste, mirando na direção que é, simultaneamente, a do país onde iria viver o resto da sua vida e a do pôr-do-sol ao fim do dia.

Ao finalizar, convém lembrar a juventude dos nossos sujeitos de análise: um jovem norte-americano lá nascido e uma jovem americana nascida nos Açores, ambos mirando na direção do país onde residia o seu futuro: os Estados Unidos. Todavia, embora tenham vindo a partilhar o mesmo meio social da Nova Inglaterra oitocentista, as diferenças entre as vivências e visões de Frances Dabney e Samuel Longfellow são variadas e refletem experiências e visões díspares. Desta forma, a vivência na ilha marcou ambos, a natureza dos Açores afetou ambos, mas de formas diversas, e com impactos diferentes.

Refletindo a sua condição masculina e o distanciamento do visitante, o discurso de Longfellow tem o cunho objetivo e documental da pessoa que vive os Açores à distância, como transparece no seguinte carta.

As yet, I have picked up here only two little legends: one, that Columbus, in his early visits to these islands, was wont to stand for hours on the western shore gazing toward the setting sun... the other (and they evidently belong together, though I got them from very different sources), that there is on one of these islands, Flores or Corvo, the memory of a statue which once stood there with its finger pointing to the west... (21 November 1843, May: 32)

(Até agora, colhi aqui apenas duas pequenas lendas: uma, que Colombo, nas suas primeiras visitas a estas ilhas, se punha de pé durante horas na costa oeste, mirando o por do sol... a outra [elas estão evidentemente interligadas, embora tenham chegado até mim através de fontes muito diferentes], que existe numa destas ilhas, Flores ou Corvo, a memória de uma estátua que uma vez lá esteve erguida com o dedo apontando para oeste.)

Dando vez e voz à sua condição de mulher e à ligação afetiva à terra que a tinha visto nascer, Frances Dabney cria textos marcadamente subjetivos e emotivos, numa procura, por vezes romântica, do outro, mas também numa demanda existencial que recria o drama humano, o ciclo da vida e da morte, sempre com a natureza dos Açores como ator principal. Na “saudade” acima referida, que tem por título “Capello”, Frances Dabney “pinta” a paisagem romântica do seu presente e futuro, dando azo à sua sensibilidade perante a natureza dos Açores e às suas ansiedades e aspirações perante a vida que a espera nos Estados Unidos.

Far away in the western sky the sun sinks into the ocean, sending back to the Island a last burning glance that covers it with a crimson veil like a deep blush. The sky is on fire, but the ocean is pale and still... covered with a

network of little paths that cross... each other – paths without destination – paths leading nowhere. “Oh, that the Sea had but one little path... That I might go forth to the great Americas and seek my love” sang the maiden from the sun-kissed cliffs as she watched the tiny bark drop over the burning edge of the ocean (Dabney: 67)

(Ao longe, a oeste, o sol mergulha no mar, olhando ardentemente, uma última vez, para a Ilha coberta com o seu véu de carmim. O céu está em chamas, mas o oceano está pálido e quieto... coberto por uma encruzilhada de pequenos trilhos – sem destino. “Ai, tivesse o Mar apenas um trilho... para eu poder ir até à grande América, em busca do meu amor” cantava a donzela dos rochedos beijado pelo sol, enquanto via o barquinho minúsculo desaparecer na franja ardente do oceano.)

Obras Citadas

- Byerly, A. (1996). “The Uses of Landscape: The Picturesque Aesthetic and the National Park System” in *The Ecocriticism Reader*, Glotfelty (Ed.) Athens, Georgia: University of Georgia Press: 52-68.
- Costa, R. M. (2010). “A imagem da ilha do Faial nos desenhos de Samuel Longfellow” in *História da Ilha do Faial*: Vol. II. Câmara Municipal da Horta: 159-189.
- (1992). “O século Dabney” in *Correio da Horta*, 11 Janeiro: 5.
- Dabney, F. (2005). *Saudades*. Edição Bilingue, Tradução de José Costa. Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Comunidades.
- Dekoven, M. (2006). “*Juissance*, Cyborgs, and Companion Species: Feminist Experiment” in *Feminist Criticism Today: PMLA*, Volume 121, Number 5, (October): 1690-1696.
- Elliott, J. (2006). “The Currency of Feminist Criticism” in *Feminist Criticism Today: PMLA*, Volume 121, Number 5, (October): 1697-1702.
- Glotfelty, C. & Fromm, H. (Ed.) (1996). *The Ecocriticism Reader*, Athens, Georgia: University of Georgia Press.
- Grosz, E. (2005). *Time Travels: Feminism, Nature, Power*. Durham: Duke UP.
- Gubar, S. (2006). “Feminism Inside Out” in *Feminist Criticism Today: PMLA*, Volume 121, Number 5, (October): 1711-1716.
- Helmreich, S. (2009). *Alien Ocean: Anthropological Voyages in Microbial Seas*, Berkeley: University of California Press.
- Henry, A. (2006). “Feminist Deaths and Feminism Today” in *Feminist Criticism Today: PMLA*, Volume 121, Number 5, (October): 1717-1721.
- May, J. (Ed.) (1891). *Samuel Longfellow: Memoir and Letters*. Boston & New York: Houghton, Mifflin.
- Mohanty, C. T. (2003). *Feminism without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham: Duke University Press.
- Simas, R. N. (2013). “Cartas e Desenhos Evocando a Natureza dos Açores: Um Olhar Ecocrítico sobre Samuel Longfellow na Horta” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, Volume 9: 105-121.

Stanford Encyclopedia of Philosophy, www.stanford.edu/entires/transcendentalism
Acedido a 29 setembro 2013.

UK Forestry Commission: www.forestry.gov.uk/forestry/infd-6xxmyg Acedido a 25
outubro 2013.

Barry, A. (1997). *The Use of Landscape: The Portuguese Architecture and the National Park System*. In *XX International Meeting of the International Geographical Union of Geographers*, 11-18.

Costa, R. M. (2010). *A Imprensa da Ilha de São Paulo nos Anos da Revolução*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Vol. II, Edição Mensal de História, 1-10.

Costa, R. M. (2011). *O Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2012). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2013). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2014). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2015). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2016). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2017). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2018). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2019). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2020). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2021). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2022). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2023). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2024). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

Costa, R. M. (2025). *Estado Novo em São Paulo: 11 de Novembro de 1937*. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 1-10.

O que dizem as Vozes de Mulheres, de ontem e de hoje, falando da experiência da migração e da sociedade portuguesa, das suas vidas e relações, dos direitos dos animais e das manifestações da natureza dos Açores?

Qual é a presença da mulher na correspondência trocada entre e/immigrantes portugueses no Brasil, entre 1890 e 1950. E na atualidade, qual a presença feminina no mundo cibernético da Internet e no uso das novas tecnologias pelas crianças?

Qual é o papel da mulher em duas tradições açorianas – as romarias quaresmais de São Miguel e as Festas do Espírito Santo – e quais são as artes e saberes de mulheres migrantes a viver hoje no Canadá?

Quais são os Retratos de Mulheres transmitidos pela música popular brasileira da atualidade, pela imprensa regional dos Açores e pelas chamadas revistas "cor-de-rosa" em Portugal?

Quais são as características da violência doméstica no século XIX e na literatura feminina do século XX, as perspectivas sobre o futuro em mulheres vitimadas, e as experiências de mulheres reclusas e suas respectivas famílias?

O que leva mulheres qualificadas a emigrar e qual o impacto nas famílias e na maternidade? Quais são as histórias de vida de mulheres migrantes e de mulheres artesãs no Brasil, ao longo do tempo?

Respostas a estas e outras questões podem ser encontradas nas páginas deste livro.

